

Écos de Guimarães

XII Ano — Numero 482

ORGÃO MONARQUICO

2.ª Série — 6.º Ano — N.º 35

Redacção e Administração
EM GUIMARÃES
Rua Gravador Molarinho, 47

Director, proprietario e editor

JOÃO PEREIRA DA COSTA
Guimarães, 24 de Setembro de 1927

Composição e Impressão
Tipografia «LUSITANIA»
Perto do Tribunal

O Imposto de Transacção

agravado no concelho de Guimarães

Chega ao nosso conhecimento que o imposto de transacção foi este ano agravado de uma maneira assustadora no nosso concelho.

O comércio que atravessa uma crise terrível tem pois a cavar-lhe mais fundo ainda a sua ruína um aumento de contribuições.

¿E que diz a isto a nossa Associação Comercial e Industrial?

Todos os dias nos relatos dos jornais nós vemos a onda de protestos que tem levantado semelhante aumento, e ainda ha pouco a Associação Comercial de Vila Nova de Gaia exprimiu dum forma violenta, mas justa, o que pensava sobre a maneira como o governo tratava a momentosa questão tributária.

Sabemos que o Grémio dos Mercadores de Tecidos do nosso concelho que tem reunido para a a distribuição do seu contingente, tem trabalhado de maneira a fazer chegar a Sua Ex.^a o Sr. Ministro das Finanças uma representação que o elucide da forma pouco equitativa como a verba do Distrito de Braga foi distribuída, mas sabemos tambem que a sua boa vontade não tem sido encorajada por quem de direito, pois até à data, que nos consta, só em Lisboa devia ter sido recebido o telegrama que a seguir transcrevemos e que foi endereçado a Sua Ex.^a o Senhor Ministro das Finanças, pelo citado Grémio.

«Ex.^{mo} Ministro das Finanças — Lisboa:

Mercadores tecidos concelho Guimarães leva conhecimento V. Ex.^a impossibilidade compor verba lançada imposto transacção cujo agravamento exagerado mais aflitiva torna situação comércio local que principiará arruinando caso V. Ex.^a não reveja verba distrito distribuindo-a equitativamente todos concelhos.

Grémio Mercadores Tecidos».

Nenhuma má vontade nos move contra os concelhos de Famação e Vila Verde, mas sabemos que as verbas destes concelhos estão extraordinariamente favorecidas à custa do pesado imposto que paga Guimarães.

E' necessário que S. Ex.^a o Ministro reveja a verba destinada ao distrito de Braga e que, fazendo justiça, alivie o nosso concelho, pois de contrário o nosso comércio e a nossa indústria dentro em pouco estarão na miséria.

A Penha está mal servida

com a sua Comissão de Turismo

CONTRA ELA EU CLAMO:

— Por Deus trabalhem, ou vão-se embora!

Tem, não sei quantos anos, a nossa Comissão de Turismo na Penha; mas, até hoje, mal se tem a gente apercebido da sua existência.

Que todos são muito boas pessoas, que todos gosam de boa reputação, sabemos nós. Como podem não basta ter-se, nestes casos, folha corrida e ser-se vacinado, importa que para ocupar estes lugares levem consigo um pouco de bagagem de conhecimentos e mais um pedaço de actividade, para que não suceda passarem-se os dias, os meses e os anos sem nada se fazer de pratico.

São, ao todo, 10 os membros da Comissão de Turismo. Pois senhores: não sabemos se pondo o zero à esquerda — 0,1 — se encontrará o valor de alguma unidade!

E, contudo, a Penha carece de ser olhada com um carinho diferente daquele que lhe veem dispensando esses 10 cavalheiros do nosso turismo apático. A Penha que tem encantos naturais como poucas altitudes similares, tem muitas coisas a desejar, mas, antes de mais nada, tem um programa imediato a cumprir: **o estudo da sua ligação com a Cidade e a criação de um hotel!**

Dizendo isto, temos a certeza de que não dissemos novidade nenhuma. Também a comissão dos 10 discorre assim, pensa assim, cogita assim. Só com esta diferença: é que vindo há anos a discorrer, a pensar, a cogitar assim, ainda não teve coragem de sair da incubação.

Sabemos que realmente o problema da tracção electrica, o problema do hotel e mais outros problemas mirabolantes tem roçado pelas mentes abraçadas dos 10... **apóstolos** da Penha; sabemos até de detalhes, de tentativas, de propósitos conducentes à efectivação de grandes planos; mas sabemos

Estamos certos de que a Associação Comercial e Industrial não descurará o assunto, mas permitimo-nos lembrar-lhe que o protesto devia ter sido já feito e que sendo, embora, sempre tempo, convem levantá-lo sem delongas.

também que, além deste labor formidável de... sonhos, uma doença de vontade, pavorosa, tolhe os membros de acção aos 10 membros da ilustre Comissão de Turismo na Penha, razão porque a Penha continua sem o reclamado e suspirado fomento de progresso.

Pois senhores: é pena! Sendo, como são, as vidas tam curtas e o tempo tam precioso, é deveras para lastimar esse grupo de 10 homens que, sendo tão vimaranenses como nós; amando tanto a Penha e sentindo tanto as suas necessidades como nós, todavia, **colocados em circunstâncias de poderem fazer mais do que nós, — não o fazem!**

Perto de 200 contos improduttivos!

Desigualdade tributaria

A que devemos atribuir esta apatia?

A falta de coesão para decidir?

A falta de tempo para actuar?

A falta de dinheiro para promover?

Nada disto falta no seio da Comissão de Turismo. Todos os 10 estão de acôrdo em que é preciso fazer-se alguma coisa que represente obra ampla de iniciativa e de turismo; todos os 10 estão de acôrdo em que a tracção electrica, o hotel, a água, o regimen florestal, etc., são os problemas fundamentais da Penha; todos os 10 sabem, igualmente, **que foi para accionar e não para estar parados** que a lei n.º 1152 de 23-4-921 os reuniu e lhe pôs nas mãos um mandato que só é costume conferir aos homens de boa vontade.

Ora, se os 10 cavalheiros (vimaranenses da gema alguns, e dos quatro costados todos) sabem o que é preciso fazer-se na Penha e mais quais são os seus deveres de comissionados, ¿porque é que Suas Excelências não se põem a mexer — para um lado, ou para outro, fazendo ou deixando fazer?

Sim, porque quem não avança, recua. Nenhuma terrinha cruza os braços na solução dos seus problemas vitais. Também Guimarães quer ver progredir a sua formosa Penha. Já para isso ela paga o adicional que lhe votaram nas contribuições.

Rainha Dona Amélia

Sua caridade posta em foco

Acaba a Excelsa Rainha D. Amélia de dar à luz da publicidade uma obra de arte de grande valor a que chamou "Os meus desenhos.."

E' um precioso album artistico com capa de pergaminho do formato 40 x 28, illustrado com vários desenhos e trechos literários escritos pelo próprio punho da Rainha.

A edição é apenas de 250 exemplares, numerados e contendo impresso o nome do destinatário de cada livro.

O producto da venda do precioso album reverte a favor dos pobres de Portugal atacados da terrível tuberculose.

Este gesto de Sua Magestade a Rainha mostra claramente quanto a Soberana ama o seu povo e a magnanimidade do seu coração.

Só o que é para nós motivo de reparo é que, sendo a Penha de toda a terra de Guimarães, interessando a todo o concelho o seu engrandecimento, só paguem o adicional, além das 3 freguesias da cidade, mais 8, ou sejam: Costa, S. Romão, Vila Nova, Cezedo, S. Tomé, S. Cristovão, Píñheiro, Urgeztes.

Excluindo, ainda mesmo, as freguesias que formam as circunscricções turísticas de Vizela e Taipas ¿porque razão não foram abrangidas na **área pagante** todas as outras freguesias do concelho?

¿E quem é capaz de afirmar que a cobrança da taxa hoteleira (6 o/o) é bem feita, por maneira a dar o rendimento que é lícito?

Pronunciemo-nos sobre este capítulo por que ele é deveras capitalissimo para, uma vez bem montada a máquina das receitas, se defrontar em toda a sua plenitude o problema das despesas.

Informa-se, não obstante deficiências da cobrança, que a Comissão do Turismo **parado**, do turismo **sem iniciativa**, do turismo **sem turismo**, tem em depósito à ordem perto de 200 contos.

A tracção electrica é a primeira necessidade da Penha reclamada pelo povo

Não diremos aos 10 depositantes que espatifem em projectinhos e reformeças toda essa massa

Capitão Mário de Souza Dias

Em 9 do corrente, faleceu a bordo do vapor "Africa", o antigo e distinto oficial do Exército, sr. Capitão Mário de Souza Dias, que, como militar, em Africa deu provas da sua valentia e patriotismo.

Em 1900 esteve em Macau em comissão de serviço das Obras Públicas, tendo feito o levantamento da Carta da Província, sendo condecorado com o colar de S. Tiago pela distinção como se houve no desempenho da sua missão.

Em 1904, na campanha do Cuamato, foi um dos oficiais que mais se distinguiu. Ferido no combate de Mugilo, manteu-se no seu posto banhado em sangue, não retirando para a ambulância a-pesar-de instado.

Tomou parte em todos os combates que se seguiram, desprezando os conselhos dos médicos e camaradas seus para que tratasse da sua saúde.

Foi depois comandante da 14.ª companhia indígena, concluindo degois o entrincheiramento de Mongogo e defendendo-se heróicamente do genio revoltado. Depois das campanhas do Cuamato, Mário Dias, quando podia acompanhar os seus camaradas para a Metrópole, ficava ainda no Damaquero dirigindo a constituição do forte.

Já depois em Portugal, na ocasião de ser condecorado com as medalhas de ouro e prata de valor militar, os seus camaradas do regimento da Guarda lhe oferecem uma mensagem em sincero preito de homenagem pelos feitos do valeroso militar.

Proclamada a república e fiel ao seu juramento, abandonou o Exército e foi juntar-se aos emigrados da Galiza.

Organizou sob as ordens do valoroso Comandante Paiva Couceiro, a coluna de voluntários de Verin que operou junto de Chaves em conjunto, a quando da 2.ª incursão.

Serviu na Monarquia do Norte, no posto de Tenente-Coronel, que por escala lhe pertencia, devendo hoje ser General se estivesse no Exército.

Emigrado várias vezes, sofreu grandes privações. São do nosso prezado amigo sr. Armando Boaventura as sentidas linhas que vamos transcrever, publicadas no importante diário "A Voz":

«Antigo e distinto oficial do Exército Português, inteligência fulgurante, alma de eleição, Mário Augusto de Souza

Resposta à letra

O sr. José Sant'Ana Dionísio, Bergson português, numa filosofia de *meias palavras* volta à estacada no Jornal «O Comércio» edição da tarde de «O Comércio do Porto», pretendendo explicar a razão porque classificou de *piñia* a estátua de D. Afonso Henriques, numa crónica infeliz que há tempos publicou no mesmo jornal.

E... laracheia. Chucha com as tropas. Encaderna-se na pele de Bergson e vá de atirar mãos cheias de asneiras misturadas com tinta para cima do papel.

Ora temos de concordar que semelhante atrevimento, se não é para admirar num qualquer Sant'Ana, por mais Dionísio que seja, não fica muito bem a um Bergson.

Começando por querer alargar os seus *pontos de vista* remata por só admitir que a *escultura, como todas as formas e processos de Arte vale, superiormente, quando tem uma finalidade simbolica e não representativa.*

Que significará a estátua do fundador da nacionalidade, erecta ali no Toural? Não estará ali a perpetuar, a relebrar o facto capital da nossa história? Não simbolizará uma época, a época em que Afonso Henriques aqui partiu por essas terras fora a construir esta Pátria que — tem graça — tanto é nossa como duma infinidade de Dionísios, Sant'Anas ou não, que por aí pululam rosnando-lhe quem sabe se por o sentirem de bronze, hirto, inofensivo?

Mas, passemos adiante.

Conclue o já agora nosso Bergson, que se *o homem é um ser vivo de eleição, um organismo privilegiado, que age, sente e pensa, homens superiores são seres eleitos, excepcionais, que ultrapassam o vulgar, na acção, na emoção e no pensamento.* E pergunta-se, *sendo assim, como será possível representar plásti-*

camente um desses homens excepcionais — sem o caricaturar.

Arre que é... Dionísio. Que nos importa a nós a plástica de Vasco da Gama, do Infante D. Henrique, de D. José, de D. Pedro, de Sá da Bandeira, de Mouzinho, de Eça ou de Camilo, se os factos, as razões que levaram os nossos antepassados ou contemporâneos a significar-lhes essa homenagem estão bem vivas na nossa memória e na nossa inteligência? Então, porventura, as estátuas fizeram-se para que apreciássemos a plástica dos consagrados ou para homenagear o seu valor intelectual ou moral? E' pelo que valeram nas guerras, artes ou sciencias que se consagram os *homens superiores* ou porque tinham umas pernas bem torneadas, umas ancas harmónicas e uns palmitos de cara que fariam inveja a qualquer *miss* em Galweston?

Estás vendo leitor amigo a força deste Bergson e da sua filosofia. É nota que é só de meias palavras, calcula o que seria se fôsse de... palavras inteiras.

Na última parte das suas *divagações*, o sr. Sant'Ana dirige-se-me em tom de galo triunfador, dizendo que não lhe seria difícil levá-las *até à justificação plena, exhaustiva, dessa etiqueta* (refere-se ao *piñia*) *que tanto irritou o indígena e a mim, mas persuadido de que isso seria deitar pérolas... à rua dicidiu-se a ficar por ali.*

Ora eu não faria a mais pequena referencia a esta parte se a coisa se prendesse exclusivamente comigo. Só costume ligar importancia aos insultos, quando elles partem de pessoas que me podem ofender. O sr. Sant'Ana Dionísio que já deu provas flagrantíssimas duma cobardia inconcebível, não

Procurou viver—éle que amava a vida—trabalhando. Dedicou-se ao fabrico de sabões. Em Espanha—Valencia—chegou a montar uma pequena fábrica—e os operários eram éle, a esposa e os filhos. Veio para Portugal na esperança de conseguir meios de vida. Foi-lhe mesquinha e ingrata a sorte. Doente, viu em Africa—por onde andara e tantos e relevantes serviços prestara à Pátria como official do exercito—a fortuna. E a fortuna para éle consistia em ter meios suficientes para poder modestamente viver junto de sua familia. Não tinha dinheiro. Fui eu quem, por intermedio dum amigo particular, republicano, antigo ministro da Marinha—o commandante sr. Fontoura da Costa—conseguiu para éle uma passagem gratuita para Angola. O commandante Fontoura da Costa, conhedor da situação de Mario Dias, obteve a passagem de 2.ª classe—por se tratar de uma pessoa de categoria moral e intelectual, que era, de facto.

E Mario Dias foi para Angola, Loanda, onde nos encontramos ha um ano e meio.

Ali mesmo, a sorte não o favorecia. Vi-o cada vez mais doente—envelhecido—vivendo pobremente—e repartindo com os seus, mulher e filhos, que ficaram em Leiria, a sua própria pobreza.

Surpreendeu-o a morte na viagem de regresso à metrópole. Foi sua sepultura o mar.

Pobre Mário Dias, que tanto sofreu e tão perseguido foi até pelos seus correligionários, que, muitas vezes, mal o julgaram.»

A Penha está mal servida..

amealhada. Seria uma insensatez desbaratar esse dinheiro em coisas mínimas, quando num plano de conjunto o que mais se carece é de corresponder às fundamentais necessidades da Penha, e essas são imperativamente estas:

a) Vencer, pela tracção electrica, os 7 quilómetros que vão da cidade à montanha.

b) Fundir o mau hotel que há na Penha, num bom hotel que sirva para «esgotados», *mas não para tuberculosos.*

c) Explorar das entranhas da serra novos mananciais de água, para que ela cante nas bicas, nos lagos e nas cascatas.

d) Converter em regime florestal a valer, toda a área do monte, *para que ali só se plantem e defendam as árvores que a Penha requere.*

E, o mais, virá por sua vez; por ventura simultaneamente, pondo-se para isso a Comissão de Turismo de acordo com a Comissão de Melhoramentos — essa representante da Irmandade de N. S. do Carmo da Penha — para que se não faça hoje e alague amanhã, para que, em resumo, o arbitrio ali não dê leis e faça asneiras.

Importa, pois, que um dilema se ponha à Comissão de Turismo:

— *Basia, de soneca, senhores!*

Quem quer dormir, vai para casa, e deixa o lugar a quem saiba e tenha vontade de trabalhar!

Guimarães fica-lhes muito agradecida pelo que trazem em mente fazer; mas, pela amostra da administração feita até hoje, julga ter tudo a lucrar em os substituir por quem, contando consigo, não se fique impotente e amorfo à espera do... Messias!

Orá pois, vamos a isto, que é uma pressa.

Somos muito ateutos e veneratedores por todos os membros da comissão; pessoalmente, repetimos, são todos excelentes pessoas, e alguns, tem dado a esta terra, as melhores provas de devoção bairrista: mas nesta empreitada do turismo da Penha, confessamos, estão falhando extraordinariamente, motivo por que perderam a confiança de toda a gente, o que equivale a dizer — **faliram!**

A. L. DE CARVALHO.

pode insultar ninguém, não tem autoridade para, nem de leve, dirigir, seja a quem fôr, o mais pequeno remoque. O indígena vimaranense irrita-se e desafronta-se, não foge. Aqueles que assim procedem deita-lhes o seu desprezo e condói-se em seguida.

SERGIO VIDAL.

NOTA — Este artigo, escrito há tempos, não tem sido publicado por virtude da suspensão do «Pro Vimarane».

Automovel

Vende-se em estado de novo. Ver e tratar Garage Vimarane, rua de Gil Vicente—Guimarães.

Dr. João de Meira

Passa no dia 25 do corrente o aniversário da morte do saudoso Dr. João de Meira, vimaranense dos mais distintos e que Guimarães recorda com saudade, prestando culto ao seu belo carácter e ao seu talento.

O «Ecos de Guimarães», curvava-se reverente, prestando sinceras homenagens ao filho querido desta terra.

Explicador

Leciona 1.º, 2.º e 3.º anos do Liceu. Falar nesta redacção.

Arrematação

A Misericórdia de Guimarães devidamente autorizada, faz público que no dia 3 do próximo mês de Outubro, pelas 11 horas, na casa do Despacho anexa ao seu Hospital, no lugar dos Capuchos, desta cidade, serão postos em hasta pública três eucaliptos, sob a base de licitação global de seiscentos escudos (600\$00).

O depósito provisório é de cinquenta escudos (50\$00). Os ditos três eucaliptos podem ser examinados na cerca do Hospital da Misericórdia, desde hoje até ao dia da praça.

As condições da arrematação estão patentes nesta Secretaria, em todos os dias úteis, desde as 10 às 16 horas.

Guimarães e Secretaria da Misericórdia, 6 de Setembro de 1927.

O Vice-Provedor, em exercício,

(a) Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha

— FOX —

RUA 31 DE JANEIRO, 79

— GUIMARÃES —

CALÇADO

de luxo, elegância e resistência para homem, - senhora e criança -

Gabardines
Qualid. DE
GARANTIDA BORRACHA

Vários artigos

Luvas, Gravatas, etc. Sortido variado. Sempre novos modelos.

A CAVEIRA

Ao Ramiro Quedes, poeta e Amigo.

*Pensar eu que já foi bela
esta caveira amarela,
que tenho na minha mão
que podia ter sonhado,
ter sofrido, ter amado,
como quem tem coração!...*

*Que podia ter vivido
na dor... e talvez sentido
o prazer duma Saúde,
que fôsse branca, tão pura,
como é divina a doçura
duma sentida amizade!*

(Inédito).

*É que idade teria ela,
esta caveira amarela,
hoje fria, descarnada?
... e talvez fôsse formosa,
tam linda tal qual a rosa
esta face desdentada...*

*E agora já não sente,
a caveira sorridente
que 'stá deante de mim...
Foi a vida que passou,
e que consigo levou
mistérios que não tem fim...*

MARCELINO PERES.

« PÁGINAS » SELECTAS «

A ANDORINHA

Espelhava o cristal argentino de um lago dormente a luz esplendorosa da estrela da manhã, rutilante no azul carregado da cúpula sideral.

Estrela e imagem — duas belas gemas da mais pura água, lágrimas caídas talvez dos olhos melancólicos de alguma virgem apaixonada, nos mundos de além.

Viu-as, de madrugada, andorinha vagabunda que se divertia a roçar com a aza de prata a sombra das grandes rosas desabrochadas, que se inclinavam gracios beijando os nenufares.

Oh! se pudesse engastar aquela grande esmeralda que lá resplende, no ninho onde dormia amorosa amiga!... Que lâmpada suave não seria para iluminar e encher de fulgôr a modesta morada que tenho nas grimpas do loureiro, feita de murtas e malvaicos!

Fendeu os ares com as azinhas esguias e foi pousar no cimo da

mais alta das nuvens; voou depois e muito, e quanto mais espaço vencia, mais se afastava a estrela, que empalidecia e se ocultava, com a vinda da aurora.

E quando imergiu de todo no resplendor da manhã, a andorinha ambiciosa fechou para sempre as azas e veiu cair morta no tranquilo lago dormente, a cujo espelho vira iuzir a grande esmeralda, que a tentara e vencera.

Nós somos a andorinha ambiciosa que subimos a perseguir um ideal que nos foge; voamos pelo infinito da fantasia, e lá muito em cima asfixia-nos a rarefacção do ar, que é nossa vida,—a mocidade,—e alfim vimos cair cadáveres que inspiram dó no espelho onde sempre reflectiu a esperança, esmaecida na neve de hontem, que é—pobre coisa—a saudade!

CATULLE MANDÉS

Guilherme Lickfold

No domingo de manhã foi esta cidade surpreendida com a noticia do falecimento inesperado do sr. Guilherme Lickfold, director da Fábrica de Fiação e Tecidos de Guimarães.

Nada fazia supôr a morte do grande homem de trabalho que foi o sr. Guilherme. No sábado ainda o vimos atravessar a cidade em direcção à Fábrica da Avenida, satisfeito, em companhia dos seus colegas. Novo ainda, de compleição forte, activo e trabalhador como poucos, o sr. Guilherme Lickfold, apesar da sua nacionalidade inglesa, vivia entre nós há muitos anos, tendo conquistado a estima de muitos dos nossos conterrâneos que viam nêlo um verdadeiro homem de bem. Os operários choraram a sua perda, porque, dizem elles, que «o sr. Guilherme era o seu grande amigo e benfeitor».

O seu cadaver foi trasladado, na segunda-feira da sua casa de Campelos para o cemitério de Fafe, aonde ficou encerrado em jazigo de família.

Acompanharam-no até à sua última jazida numerosos amigos e muitos operários, a alguns dos quais vimos deslizar lágrimas de sentida saudade.

A tôda a sua familia e à Direcção da Fábrica de Campelos, apresenta o «Ecos de Guimarães» sentidas condolências.

**Utensilios de fábrica manual
VENDEM-SE**

Urdideira, esquinadeira, balcão com 3^m de comprimento e 0,90 de altura, Estante com 3,90 de comprimento e 1,90 de altura e uma Maquineta de 20 agulhas.

Tratar com Domingos Mendes Pinheiro.—Sande S. Clemente.

pai? Pois vai o caro André abandonar Pau, quando tem creada aqui uma clientela admiravel?

—Assim é: há meses, porém, um velho amigo de meu pai, sempre affectuoso para comigo, propõe ceder-me o seu escritório de advogado, sem divida o mais procurado em Renes. Perdeu há anos um filho único, e hoje, curvado pela idade e pelos desgostos, está decidido a repousar das lides. Para consôlo seu — escreve-me elle — deseja ao menos confiar-me o encargo que tem desempenhado, e um oferecimento desta natureza abre diante de mim uma brilhante perspectiva de futuro, da qual até hoje me não deixei tentar, sustido por motivos diversos... Ante ontem recebi do meu amigo uma carta tam insistente que julguei ser meu dever reflectir mais a sério. Minha irmã, por seu lado, junta suas razões para que eu acceda, e cumprindo-me ir nesta ocasião à Bretanha, estou de propósito assente em examinar de perto as vantagens oferecidas. Portanto, coronel, se v. ex.ª me permite confiar-lhe minha irmã por alguns meses, demorar-me-ei socegradamente, não regressando antes da quadra em que ela vai para Luchon, em julho ou agosto, seguindo depois ambos para o meu posto definitivo.

Meu pai aprovou cordealmente a determinação e prometeu considerar Joana como uma segunda filha. André levantou-se, despediu-se e ia a sair para continuar seus deveres junto do cadaver da sr.ª de Kéradeck, quando meu pai observou:

—E essa coitada da Lúcia, que vai ser dela, André?

— Como está a sr.ª de Kéradeck?

— Há no estado dela umas tenues melhoras; temo porém não sejam acaso as precursoras da morte.

— Passou v. ex.ª a noite em casa da enferma?

— Sim; a infeliz exige a minha presença a cada momento... Não findará em paz se não descança o derradeiro olhar sobre o único protector de sua filha, como ella diz.

— André!...

Outra vez me subia do coração aos lábios o meu segredo, prestes a desfazer-se. Na minha voz devera transparecer emoção bem intensa, por que André, olhando-me atento, prescritador como se tentara ler no íntimo de meu ser, exclamou:

— Senhora! que tem v. ex.ª a revelar-me?

Havia eu porém já dominado a fôrça impetuosa que me levava, naquele momento, a unir minha vida à sua enquanto era tempo ainda... Não... não... não me toca a mim fixar eu mesmo o meu destino contra a vontade de Deus, manifestada a meu respeito nos vários acontecimentos que se estão dando...

— Vejo-a esta manhã, minha sr.ª, de aspecto tam alterado... Que successo leva a perturbação à sua alma? insistiu André tam vivamente solícito, com expressão tão suave, um olhar tam meigo, que uma vez mais me vi na tentação de clamar:

— O' André! não faça suas promessas a Lúcia, ou desligue-se delas, se já estão feitas, porque o meu affecto lhe pertence!...

Aí! Preceituei a meu coração que serenasse, que

CARTEIRA

Aniversários

Durante a semana fazem anos as Ex.^{mas} Senhoras e cavalheiros:

Domingo, 25—Alvaro Ribeiro de Faria.

Quarta, 28 — D. Aurora Celeste de Souza Lobão Macedo Chaves, Dr. Gonçalo Monteiro de Meira e Dr. Eduardo de Campos Castro Azevedo Soares (Carcavelos).

Quinta, 29 — D. Maria da Glória Rocha dos Santos, D. Ana Cândida da Cruz, Luis António Monteiro de Távora de Abreu e Lima Calheiros de Noronha Pereira Coutinho (Carreira), Francisco Ribeiro de Faria e Eugénio de Campos (Carcavelos).

Doentes

Tem estado doente o sr. Alberto Costa.

— Encontra-se gravemente doente, o sr. Simão Ribeiro.

— Tem guardado o leito, o sr. João Mendes Fernandes.

— Tem estado doente, o sr. Paulo Lobo Machado.

A todos desejamos rápidas melhoras.

Chegadas e partidas

Retirou para a capital o sr. Sebastião Teixeira de Carvalho que entre nós esteve uns dias de visita a sua família.

— Também retirou para a capital o sr. António Garcia, ilustre oficial de marinha.

— Para a sua quinta de Baiona, Taipas, seguiu o sr. dr. Alfredo Peixoto e sua dedicada mãe.

— Regressou da Póvoa de Varzim a esta cidade, com sua família, o sr. Manoel Joaquim Pereira de Carvalho, conceituado negociante.

— Para as suas propriedades de Gonça partiu o sr. Justino José da Silva.

— Com sua Ex.^{ma} esposa regressou do Gerez o sr. capitão João Gomes Abreu de Lima.

— Das suas propriedades do Arco de Baulho regressou a sr.^a D. Maria da Natividade Lato Martins, dedicada esposa do nosso bom amigo sr. Joaquim F. Martins.

— Com sua família seguiu para Brito o sr. António Ramos zeloso funcionario da Câmara.



... Avisamos

Que na Procuradoria do Dr. João de Oliveira Bastos & Gomes Alves, do Toural, se fazem os requerimentos para licenciamento legal dos estabelecimentos incómodos, perigosos e insalubres, compreendidos na Tabela II do Decr. n.º 2364.

Esses estabelecimentos são entre outros os seguintes:

Mercearias, drogarias, hospedarias, restaurantes, cafés e tabernas, fábricas e oficinas, estabelecimentos de qualquer espécie, armazens e os demais incluídos no Edital da Câmara.

Os interessados podem dirigir-se àquela Procuradoria, em todos os dias úteis, das 10 às 12 horas e das 14 às 16.

Ministério da Agricultura

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

EDITAL

A Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, nos termos do Decreto n.º 12.866, de 10 de Dezembro de 1926, faz público:

Que todos os viticultores, excepto os que produzem apenas 10 hectólitros de vinho, são obrigados a manifestar, desde a vindima até ao dia 15 de Novembro, as quantidades de vinho verde produzido ou de vinho fabricado com uvas de castas americanas, declarando o nome da freguesia e o local onde está armazenado (art. 3.º e §§ 1.º e 4.º) e satisfazendo por cada pipa de 500 litros a importância de 2\$50, a qual deverá ser entregue com os pedidos de manifesto ao vogal concelho desta Comissão (art. 32.º), sob pena de multa de 20\$00 por hectólitro ou fracção (art. 22.º);

Que os produtores ou compradores de vinho fabricado com uvas de castas americanas não o poderão transportar senão em vasilhame com os dizeres bem visíveis, a fogo ou tinta de óleo no tempo principal—vinho de uvas americanas e nas mesmas condições deverá ser exposto à venda em qualquer local (art. 3.º § 2.º);

Que os produtores tem a liberdade de vender o seu vinho em lotes ou parcelas seja a quem for, dando, porém, conhecimento do facto a esta Comissão ou ao seu delegado concelho (art. 3.º § 5.º), porque, se o não fizerem, incorrerão na multa de 5\$00 por cada hectólitro ou fracção (art. 22.º);

Vinhos novos — A Delegação da Bolsa Agrícola fez constar o seguinte:

Previne-se o comércio em geral que é proibido expor à venda vinhos novos, enquanto não se encontrarem completamente clarificados.

O vinho encontrado fora destas condições será apreendido e o transgressor pagará a multa correspondente.

— Os contribuintes sujeitos ao imposto de transacção por meio de livro, que ainda não foram à Repartição de Finanças, a fim de pagarem o referido imposto, respeitante aos meses de janeiro a junho do corrente ano, devem fazê-lo imediatamente, sob pena de relaxe.

Que as quantidades manifestadas e as realmente produzidas é permitida uma diferença de 5%, para mais ou para menos, sob pena de multa de 50\$00 por cada hectólitro ou fracção que a exceder (art. 23.º);

Que os donos dos vinhos verdes manifestados, quando vendidos, no todo ou em parte, para fora da respectiva região, deverão requisitar a esta Comissão ou ao seu delegado concelho certificados de origem para essas quantidades (art. 5.º), sendo o custo do certificado de \$10 por hectólitro, além do porte do correio (§ 1.º) e podendo o mesmo certificado compreender mais do que uma remessa, desde que não ultrapasse o prazo de 8 dias entre a primeira e a última, e uma vez que sejam um só o expedidor, o destinatário, a procedência e o local do destino, mencionando-se nele, expressamente, cada uma das senhas do caminho de ferro (§ 2.º), mas ficando os donos do vinho inibidos de aproveitar o certificado para outro vinho que não seja aquele para que foi requisitado, sob pena de perder o direito a obter de futuro qualquer outro certificado de origem (§ 3.º) e incorrendo na multa de 300\$00 (art. 24.º) sem prejuízo da legislação aplicável;

Que é absolutamente proibido no fabrico dos vinhos o emprego de princípios corantes que não sejam provenientes da uva e, especialmente, a **baga de sabugueiro**, bem como o emprego de qualquer **substancia sacarina** que também não provenha da uva (C. de L. de 18 de Setembro de 1908, art. 42.º, 43.º e 45.º e Dec. de 1 de Outubro do mesmo ano, art. 55.º, 56.º e 58.º); e finalmente

Que esta Comissão de Viticultura tem a sua sede na rua da Pica-ria, 90-1.º, na cidade do Porto, es-

NOTICIARIO

Tempestade

A noite de sexta-feira para sábado foi de verdadeiro vendaval. Árvores de vinho foram derrubadas, sendo grandes os prejuízos causados.

Desastre

Hoje de manhã deu-se, na Avenida do Comércio, um desastre com uma camionete que, descendo aquela Avenida, se voltou, partindo uma perna a um rapazito e ferindo um outro dando entrada no Hospital.

Jantar dos Caixeiros

Festejando mais um aniversário do encerramento convencional dos estabelecimentos ao Domingo, a simpática Associação de Classe dos Empregados de Comércio realiza no próximo dia 2 de Outubro um passeio seguido de um opiparo jantar, à linda capital do Alto Minho—Viana-do-Castelo.

Reina entre os caixeiros um grande entusiasmo próprio da sua idade moça.

Anguramos à briosa classe dos caixeiros um belo dia de festa com os desejos sinceros de uma boa viagem em alegre convívio de camaradagem.

Senhora da M. de Deus

Excedeu toda a expectativa, a maneira brilhante como decorreram as festas realizadas a semana passada, em honra da Virgem da Madre de Deus.

O programa foi cumprido à risca, sendo até excedido em alguns números.

A capela ostentava uma luxuosa decoração, honrando sobremaneira os hábeis armadores srs. Eugénio & Novais.

A procissão, magestosa e em boa ordem, salientando-se o numeroso e bem disposto figurado.

As ornamentações e iluminações dum efeito surpreendente!

Os concertos pelas afamadas bandas dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e Vizela, agradaram por completo.

O fogo de artifício honra os hábeis pirotécnicos desta cidade e concelho.

Enfim, foi uma festa que a todos agradou e deixou bem impressionados, pela maneira como em tão pouco tempo foi organizada e levada a efeito.

Honra, pois, a essa pleiade de rapazes que, não obstante, surgiram-lhe constantemente mil e um obstáculos, com que alguém tentava empanar o brilhantismo das festas.

Querer, é poder.

tando a sua secretaria aberta em todos os dias úteis, desde as 10 às 18 horas, para dar todos os esclarecimentos necessários.

Porto e Secretaria da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, 10 de Setembro de 1927.

O PRESIDENTE,

Conde de Azevedo.

guardasse segredo... Mas, ó Senhor! vós que sabeis que o meu sacrificio é em homenagem vossa, avaliais quanto éle se me torna pesado!

Dezembro, 13

Morreu a sr.^a de Kéradeck!

Venho agora mesmo de deixa-la no seu leito fúnebre, serena e bela, como em plácido sono. O pobre, infeliz mulher, a quem a vida foi tam rude! não perturbarei teu derradeiro sono!... Lúcia desfazia-se em pranto, apertando entre suas mãos as mãos geladas da mãe, desabafando sua dor em entrecortados gemidos, cheios duma saudade espedaçadora. Joana estava ajoelhada ao pé da extinta, e André em frente, contemplava maguado e triste a amargurada orfã, deixando cobrir-se aquele rosto varonil de lágrimas sentidas.

Ah! se me fôra dado ressuscitar esta pobre mãe e tomar seu lugar sobre o leito mortuário!... Sim, o repouso da morte é o que eu desejo e peço; que a vida... essa... desdobra-se, futuro a dentro, árida... longa... cheia de tribulação.

O mesmo dia, onze da noite.

Os acontecimentos precipitam-se. A minha sorte está de vez fixada. Antecipadamente devia estar eu convicta de solenes promessas entre André e Lúcia;

entretanto, não sei por que ilusão se abrigavam em minha alma uns restos de esperança, pois a decisão tomada por André senti um pungir de máguia tam profundo, ainda até agora conhecido!

Esta tarde, quando eu principiava a ler as folhas a meu pai, André entrou, pálido, violentamente comovido, revelando no aspecto que alguma coisa irrevogável se ia realizar. Falou um momento do acontecimento do dia e depois:

— Coronel, disse, tenho um favor incomparável a solicitar da preciosa amizade de v. ex.^a, e peço me perdoe falar-lhe assim apenas na véspera da minha partida. As circunstancias, porém, forcaram-me a proceder d'este modo...

O meu coração cançara de pulsar, e vi-me suspensa dos lábios de André, aguardando n'uma ansiedade mortal a derradeira palavra prestes a aniquilar minha frouxa esperança...

— Em seus últimos dias, proseguiu, manifestou várias vezes a sr.^a de Kéradeck o pezar de ser sepultada em terra estrangeira, de modo que para tranquilisa-la prometi-lhe fazer transferir para a sepultura de família, em Brest, os seus despojos mortais. Tenho pois de partir amanhã, em seguida à cerimónia fúnebre. Demais, cumprindo-me recolher naquela cidade diversos documentos indispensáveis para o processo sustentado a favor de Lúcia, careço de longa demora ali, acrescentando — e aqui senti perturbada a voz de André — levar intenções quasi definitivamente formadas de ficar para futuro na Bretanha.

— Como assim? interrogou com surpresa meu